

Elisa Costa

Vivência em direitos de crianças e adolescentes

em direitos de crianças e
adolescentes do povo romani



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Elisa Costa

Vivência em direitos de crianças e adolescentes

em direitos de crianças e
adolescentes do povo romani



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA

Projeto Gráfico, editoração, capa
Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma
Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V857	Vivência em direitos de crianças e adolescentes em direitos de crianças e adolescentes do povo romani. / Elisa Costa- João Pessoa: Periodicojs editora, 2025. E-book: il. color. Inclui bibliografia ISBN: 978-65-6010-194-4 1. Vivencia. 2. Direito da criança e adolescente. I. Costa, Elisa. II. Título CDD 305.23
------	--

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Direito das crianças: 305.23



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil

website: www.periodicojs.com.br

instagram: [@periodicojs](https://www.instagram.com/periodicojs)

Sumário

CONTEXTO GERAL: VIVÊNCIA INTERCULTURAL
EM DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DO POVO ROMANI, BRASÍLIA/DF.

5

DINÂMICA/RELATÓRIO E RESULTADO 1
RELATÓRIO PESQUISA QUANTITATIVA/
QUALITATIVA

15

RELATÓRIO DA OFICINA 2 – METODOLOGIA


32

RELATÓRIO DA OFICINA 3 – METODOLOGIA

43

CONSIDERAÇÕES FINAIS

60



**CONTEXTO GERAL: VIVÊNCIA
INTERCULTURAL EM DIREITOS
DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES
DO POVO ROMANI, BRASÍLIA/DF.**

**CONTEXTO GERAL: VIVÊNCIA
INTERCULTURAL EM DIREITOS DE
CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO POVO
ROMANI, BRASÍLIA/DF.**

Integrado ao Curso de Aperfeiçoamento em Políticas Públicas Relativas aos Povos Indígenas, Quilombolas e Tradicionais e suas Infâncias, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CAPOI/CEAM/UnB).

INFORMAÇÕES GERAIS:

Modalidade: Presencial

Coordenadora Geral: Prof.a Patrícia Cristina da Silva Pinheiro (CEAM/UnB) Coordenador Adjunto: Prof. Assis de Costa Oliveira (CEAM/UnB)

Público Interno: Discentes de Cursos de Graduação e Pós-Graduação, docentes e técnicos administrativos.

Público Externo: Indígenas, Quilombolas, Povos

e Comunidades Tradicionais; agentes públicos do Sistema de Garantia de Direitos – SGD, incluindo conselheiros e conselheiras tutelares e de direitos, rede socioassistencial e de saúde, professores das redes públicas municipais, estaduais e federal; agentes públicos do Ministério Público do Estado, Ministério Público Federal, Ministério Público do Trabalho, Defensoria Pública do Estado, Defensoria Pública da União, Tribunal de Justiça do Estado, Justiça Federal.

OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Objetivo Geral

Oferecer vivência intercultural em direitos de crianças e adolescentes do povo romani para qualificar a atuação dos agentes públicos, educadores e demais interessados no atendimento de crianças e adolescentes étnico-culturalmente diferenciadas.

Objetivos Específicos

- Incitar e estimular a pesquisa sobre o histórico das crianças e adolescentes romanis no Brasil;
- Dialogar sobre a relação do Estado e da sociedade com o povo romani no Brasil através de dinâmicas lúdico reflexivas das políticas-teóricas, das denúncias das violências racistas, para anunciar possibilidades de descolonização através de práticas dialógicas;
- Destacar as intelectualidades romanis de modo a valorizar as epistemologias destes sujeitos e compreender a pluralidade cultural das infâncias, adolescências para ressignificação de conceitos e preconceitos;
- Abordar práticas interventivas e formulações teóricas relacionadas às infâncias, adolescências e juventudes romanis;
- Aprofundar a compreensão do recorte étnico racial na temática educacional, convivência

familiar e comunitária, fluxos de atendimento e a necessidade de implementação de escuta culturalmente adequada.

JUSTIFICATIVA

No cumprimento da programação do Curso de Aperfeiçoamento em Políticas Públicas Relativas aos Povos Indígenas, Quilombolas e Tradicionais e suas Infâncias, do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (CAPOI/CEAM/UnB), especificamente, pelo combate ao anticiganismo e à romafobia, bem como, a urgência de oferta e a acessibilidade ao sistema de garantia de direitos das crianças e adolescentes romani no Brasil.

Em respeito à Constituição Federal de 1988, à Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao Decreto no 6040, de 7 de fevereiro de 2007, referente aos Povos e Comunidades Tradicionais promulgada, via Decreto no 5.051, de 19 de abril de 2004, ao

Decreto 8750, de 9 de maio de 2016, depois atualizado pelo Decreto 11481, de 6 de abril de 2023, ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei no 8069, de 13 de julho de 1990), à Lei no 12.010, de 3 de agosto de 2009, à Resolução no 91/2003 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), às Resoluções n.º. 181/2016 e 214/2018, à da Lei no 12.010, de 3 de agosto de 2009 entre outras legislações de esferas municipais e estaduais.

Assim, “...pela garantia do direito à participação desses povos e comunidades tradicionais no espaço do controle social é parte de um contexto mais amplo de conquistas jurídicas que estruturaram as suas cidadanias diferenciadas e a mudança formal da postura do Estado e da sociedade perante o direito à diferença como matriz de formulação de novos direitos, inclusive para as crianças e adolescentes desses grupos étnicos (OLIVEIRA, 2022).

Para tanto, é necessário reforçar o entendimento de que estes povos e comunidades tradicionais, para além de modos de vida culturalmente diferenciados que representam a diversidade étnica existente no Brasil, são,

acima de tudo, sujeitos de direitos com normas nacionais e internacionais que balizam a obrigação de tratamento respeitoso e intercultural pelo Estado e pela sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2022, p. 22).”

O relatório Diálogos entre Redes e Fóruns de Promoção e Proteção dos Direitos de Crianças e Adolescentes: perspectivas e desafios a partir da Resolução no 181/2016 do CONANDA, elaborado pela Associação Maylê Sara Kalí (AMSK), para a difusão e o aprimoramento das possibilidades de aplicação da referida Resolução, afirma que: A institucionalização de uma Política de Proteção Social, com base no padrão “urbano-rural”, corre o sério risco de não contemplar a pluralidade do tecido social da diversidade em nossa sociedade, afetando tanto o planejamento quanto o atendimento aos indivíduos e grupos que fogem ao padrão instituído.

No Brasil, o CONANDA estabeleceu os parâmetros de adequação do Sistema de Garantia de Direitos para que se constitua em serviço culturalmente adequado, com base nos 7 (sete) requisitos definidos no artigo 3º da Resolução

nº. 181/2016 do CONANDA, a saber: (a) Participação na tomada de decisão e fiscalização de serviços; (b) Contratação de profissionais para os serviços; (c) Informações aos povos e comunidades tradicionais; (d) Formação continuada aos agentes do SGD; (e) Fluxos operacionais sistêmicos (também conhecidos por fluxos de atendimento); (f) Planos setoriais e intersetoriais; (g) Coleta e circulação de dados cadastrais. No que se refere ao item “d”, a saber: Formação continuada aos agentes do Sistema de Garantia de Direitos (SGD), o referido Documento recomendou: d) Formação permanente aos profissionais do Sistema de Garantia de Direitos sobre as histórias, as culturas e os direitos de Povos e Comunidades Tradicionais, assim como a forma de aplicação intercultural dos direitos das crianças e dos adolescentes, de modo a assegurar a melhoria do atendimento e o respeito à diversidade cultural, particularmente na matriz curricular das Escolas de Conselhos (BRASIL, 2016b)


METODOLOGIA

O curso presencial, envolve vivências interculturais e na qualidade de docente do módulo III - Referenciais Históricos e Teóricos sobre os Povos e Comunidades Quilombolas e Tradicionais (Romani) e suas Infâncias no Brasil – eu, Elisabete Martinho de Araujo, ratifiquei a metodologia da Oficina 1 do curso em sua proposta dialógica, interativa e decolonial. Para isso utilizei diferentes dinâmicas a serem vivenciadas pelos participantes de modo que pudessem refletir sobre seus conceitos iniciais, suas inferências e responsabilidades no atendimento às crianças e adolescentes romanis, de maneira que experimentassem as dificuldades e possibilidades na construção de uma “escuta culturalmente qualificada” e reconhecessem a necessidade de mudanças de suas práticas diárias amparadas pelo estudar permanente; o afastamento da função de tarefeiros mecanicistas; a necessidade da ampliação do conhecimento através das trocas entre as redes de apoio e o dialogar simples afetivo e efetivo, sobretudo respeitoso.

Elisabete Martinho e Elisa Costa

Fig. 01 – fotos do acervo da AMSK/Brasil





**DINÂMICA/RELATÓRIO E
RESULTADO 1
RELATÓRIO PESQUISA
QUANTITATIVA/QUALITATIVA**

DINÂMICA/RELATÓRIO E RESULTADO 1

RELATÓRIO PESQUISA QUANTITATIVA/ QUALITATIVA




Criação e execução da pesquisa Lucimara Cavalcante¹ -
(AMSK/DF e AILA)

A AMSK/Brasil colaborou na atividade de recepção dos participantes na Vivência Intercultural em Direitos de Crianças e Adolescentes do Povo Romani, distribuindo a pasta produzida para a ocasião. Nela continham: 1 livreto das Datas Celebrativas do Povo Romani no Brasil, 1 caneta, Le Papucha Kalinka, 1 bloco de notas e 1 adesivo da AMSK.

Na oportunidade, solicitava a colaboração de

1 Mestre em Desenvolvimento Sustentável área de concentração Sustentabilidade Junto a Povos e Terras Tradicionais; Pertencente à família étnica Kalderash do Povo Romani; Ativista em Direitos Humanos; Feminista romani; Pesquisadora e Professora de Danças Romani; Gestora de Projetos e Empreendimentos Criativos; Gestora da Informação; Gestora de Pequenas e Médias Empresas; Ordenadora de Despesas das Transferências Discricionárias e Legais do TransfereGov.br

participação na pesquisa quantitativa com a seguinte questão:

Qual o símbolo que representa os ciganos/romani na sua experiência e conhecimento?		
<input type="checkbox"/> Fogueira	<input type="checkbox"/> Barraca	<input type="checkbox"/> Ladrão
		

Este pequeno recorte estava disponível para o preenchimento na recepção dos participantes da Vivência. Não era necessário se identificar, e se houvesse outra opção, fosse escrita no verso. Não preencher nada também era uma opção, apenas dobrar e colocar na pequena urna disponível na mesa de recepção.

A equipe formada pela AMSK/Brasil e parceiros, não pode responder as questões: Total de 10 pessoas. (Todas de etnia romani: Rom, Sinti e Calon). O resultado da pesquisa foi revelado aos participantes na penúltima parte da programação da vivência.

A pesquisa foi realizada somente no dia 19 de outubro, com 21 (vinte e um) participantes, cujas respostas foram:

SÍMBOLO	TOTAL
Ladrão	2
Fogueira	3
Barraca	8
Nenhuma das opções. Escrita no verso do papel da pesquisa.	8
<p>Tacho de cobre; Cores; Ancestralidade e misticismo; Esses símbolos já representaram os ciganos para mim. Atualmente não representam mais; Estereótipos presentes no interior da Bahia: Gostam de ouro; Trabalham com agiotagem; Baralho/tarô e leitura de mãos; Povo de cultura muito rica e resistente apesar de toda a discriminação e invisibilidade; Identifico pelas roupas, falas e a alegria; O cigano no Brasil é símbolo de resistência, se fosse escolher um símbolo no verso, escolheria a fogueira como luz de um farol.</p>	

Os resultados apontam para uma necessidade clara de retirar o misticismo e o estereótipo de cena, especialmente no meio acadêmico, como foi proposto, a turma era composta de discentes da pós-graduação.

No dia 20/10, ao apresentar os resultados, conversamos um pouco sobre o assunto:

- A fogueira – refeição, aquecimento, proteção contra animais e iluminação;

- A barraca - símbolo do nomadismo forçado “faça-os caminhar”, longe do romantismo, significa falta de infraestrutura, pobreza e condições adversas e precárias de sobrevivência;
- Ladrão – termo usado para expressar o racismo praticado contra a etnia. Significa anticiganismo e rromafobia;

Quanto as escritas no verso do papel da pesquisa:

- Tacho de cobre – ofício;
- Cores – vestimentas (diálogo com as mulheres das 3 etnias presentes);
- Ancestralidade e misticismo – genética familiar, zacono e rromanipen – cada pessoa pertencente a etnia pode escolher sua própria religião/por séculos usaram plantas e astrologia, conhecimentos básicos para sobreviver;
- Símbolos – sugerimos a bandeira romani;
- Bahia – problemática específica de uma

Unidade Federativa, alimentada pela mídia e as condições de vida;

- Invisibilidade – alimentada pelo estereótipo que retira as múltiplas realidades de um povo;
- Roupas, falas e alegria – questões que merecem atenção e escuta culturalmente adequada;
- Fogueira como farol de luz – que assim seja.

Relatório da Oficina 1 – metodologia.

Tempo estimado – de 20’ a 30’

Criação e execução: Elisabete Martinho de Araújo

²- Kuczmanda (AMSK/RJ)

2 Feminista/ativista romani, Romni Kalderash, Pedagoga; Atuou como regente em turma de alfabetização, educação infantil, classe de Retardo Mental, Condutas Típicas de Síndromes diversas, Coordenadora do Específico de Altas Habilidades/Superdotação; Professora Itinerante, Agente da educação especial (Divisão de Educação) 6^a CRE (Coordenadoria Regional de Educação), Coordenadora Pedagógica, Elemento de DED (Divisão de educação), responsável pelos Programas Sociais 5^a CRE, Orientadora Educacional na rede particular cidade de São Paulo; Pales-trante convidada por diversos municípios para abordagem

DINÂMICA DAS CARTAS -

Tempo total da atividade 20'

Objetivo: Demonstrar a necessidade permanente do diálogo entre os sujeitos e seus pares e entre os sujeitos e o contexto, para que a comunicação seja livre de interpretações tendenciosas e preconceituosas.

de temas educacionais diversos e especificamente em dificuldades de aprendizagem e altas habilidades/superdotação, atuando ainda, com assessoria aos profissionais de creches particulares, para a elaboração, acompanhamento e avaliação de projeto político pedagógico; Além da experiência com alunos institucionalizados, menores infratores e população de baixa renda; Coordenadora Geral do projeto Sal da Terra para atendimento às mulheres em situação de violação de direitos, extrema pobreza, vítimas das mais variadas violências, sendo elas de povos e comunidades tradicionais ou não; Consultora Pedagógica AMSK- Associação Internacional Maylê Sara Kali; Colaboradora do Observatório de Mujeres Gitanas; Consagrada com o título de Imortal, empossando a cadeira N°13 pela ALB (Academia de Letras do Brasil) e ALB/MS Seccional Mato Grosso do Sul AILABR (Academia Internacional de Letras e Artes do Brasil de Romani) – 2022; Privilegiada com o “Reconhecimento Público” em comemoração aos quinze anos de comemoração do “Dia Nacional do Povo Cigano” pelo Decreto Presidencial 10.841/2006 <https://youtu.be/u6vvNfkSZA0> Criadora e executora desde 2017 da Ação Social “Sal da Terra” – RJ.

Metodologia:

- Distribuição de “cartas”/envelopes com orientações do trabalho a ser desenvolvido por todos. – Logo após o credenciamento;
- Orientação que abrissem os envelopes e fossem executando as atividades individuais;
- Solicitação para aproximação dos participantes de forma que a dinamizadora participasse efetivamente de todo o processo como colaboradora;
- Apresentação do ambiente e dos recursos disponibilizados.

Desenvolvimento: Tempo: 05’

Após a apresentação do ambiente iniciamos as observações das cartas e a execução das tarefas propostas.

Alerta: De que carta estamos falando? Todos foram comunicados do que precisariam fazer? Todos fizeram? De que forma nossas atitudes aqui se assemelham às atitudes diárias em nosso trabalho? Estamos participando

de um encontro para falar dos atendimentos às crianças e adolescentes de povos e comunidades tradicionais, qual a nossa responsabilidade?

Dito isto, fizemos as seguintes observações sobre o conteúdo das cartas: Papel amarelo, letras bastão, escrita em negrito – facilita a comunicação.

Carta/ crachá - usamos as cartas de baralho e um envelope de carta. Duas representações de ideias diferentes, com o mesmo “significante” atribuído. É preciso investigar o significado da palavra das crianças e adolescentes, no caso de PCTs , ainda mais e se tratando de uma criança ou adolescente romani, mais ainda; é comum uso de palavras e expressões de diferentes línguas e dialetos associados à língua portuguesa, além das regionalidades, gírias, etc.

Embora os dois, a carta/ envelope e a carta de baralho, tenham como função: mensagem.

**OLÁ!
QUE PRAZER ESTAR COM VOCÊ!
CONVIDO VOCÊ PARA VIAJAR
COMIGO.
PARA ONDE? – SURPRESA!
ENTÃO, SUBA NA “CARROÇA” E
VAMOS DESCOBRIR UM NOVO
MUNDO.**

**ATENÇÃO!!! MUITA ATENÇÃO!
TEMOS MUITO A FAZER E BEM POUCO TEMPO.
PRECISO QUE VOCÊ ME AJUDE!
1º LEIA TODO O “ROTEIRO”;
2º EXECUTE AS TAREFAS DENTRO DO TEMPO ESTIPULADO.
É MUITO IMPORTANTE A SUA AJUDA!**

ROTEIRO

- 1- PREENCHA O CRACHÁ;**
- 2- QUANTOS QUADROS VOCÊ VÊ;**
- 3- FAÇA UMA BOLA e**
- 4- PANDEGOLETEIE.**

**SIGA AS PLACAS.
TEMPO! É FUNDAMENTAL CAMINHAR NO TEMPO
INDICADO.**

PREENCHIMENTO DO CRACHÁ - Tempo: 02'(Aco- lhimento)

**PREENCHIMENTO CRACHÁ!
ESCREVA SEU NOME NO ENVELOPE, USANDO A MÃO INVERSA AO
HABITUAL.
SE VOCÊ É DESTRO, USE A MÃO ESQUERDA
SE VOCÊ É CANHOTO, USE A MÃO DIREITA.**

TEMPO:01 MINUTO

CAPRICHE!!!

Todos sabem escrever o próprio nome? Só primeiro nome, quanto tempo leva? Em um minuto é possível?

É preciso sair do modo “automático”. Identificar uma criança ou adolescente como romani (cigano), não significa que já sabemos tudo sobre a criança ou adolescente. Há uma diversidade grande entre os romanis (ciganos). Desde a língua até a alimentação, costumes, crenças, tradições etc.

“O que você precisou fazer para escrever o seu nome?”

Cada atendimento precisa de atenção e observação.
(escuta qualificada?)

Cada palavra que é dita, cada gesto, expressão, transmite uma mensagem. Debulhar as palavras, seus significados e as ideias.

Muitas vezes há necessidade de criar adaptações para a comunicação e a acessibilidade.

QUANTOS QUADROS VOCÊ VÊ? Tempo: 05' (Diálogo)

1ª resposta (individual, sem conversar e nem mostrar para ninguém).

2ª resposta (em grupo)

Considerações:

Quadros não é o mesmo que quadrados. Conceitos diferentes. 1ª RESPOSTA INDIVIDUAL E A 2ª RESPOSTA EM GRUPO.

A 1ª E 2ª RESPOSTA FORAM IGUAIS?

Precisamos conversar com os nossos pares a fim de ampliar nossos conceitos.

Uma conversa das observações feitas sobre uma criança ou adolescente com seus pares e /ou com a rede de atendimento multifuncional, deve agregar novas possibilidades e alternativas para resolver as questões.

FAÇA UMA BOLA - Tempo: 02' (ideias diferentes)

Considerações:

Uma ideia com diferentes representações.

Por mais que tenhamos informações e conhecimentos sobre a família rromá que estamos atendendo, é preciso lembrar que cada sujeito é único.

Assim como as bolas, todas diferentes.

A bola é um brinquedo associado ao ventre materno. É um brinquedo que pode ser confeccionado com qualquer material. (bola de gude, bola de meia, bola de papel etc.) Também usado por meninos e meninas;

A bola para lembrar que precisamos garantir direitos às crianças desde o ventre materno. Então, daremos “tratos à bola”!

VAMOS PANDEGOLETAR? Tempo: 04’(respeito)

Façamos uma roda.

Alguém já pandegoletou? Sabe o que é pandegoletar? O que acha que é?

Ensinar a música:

Comandos iniciais feitos pela dinamizadora; - mais alto – mais alto ainda – mais baixo – baixinho- sussurrando

Emoções do filme d; alegre – triste – com medo – cansado – zangado – ansioso- desesperado – animado!

Para refletir: palavras não ditas estão na expressão corporal, gestual, no olhar ou no desvio do olhar.

A UnB, propôs o primeiro curso sobre infâncias

e adolescências de povos e comunidades tradicionais. E o formato? - Dialógico! Interativo.

Dialogar sempre e sempre!

Será que chegamos ao nosso destino? A terra encantada das palavras! Um país das maravilhas, onde todos/as têm direito a vez e a voz!

AVALIAÇÃO

Será que chegamos ao nosso destino? A terra encantada das palavras!

Um país das maravilhas, onde todos/as têm direito a vez e a voz, ao respeito e a garantia de direitos.

Você gostou da viagem? Então avalie como Sebastian Freinet nos princípios da educação interacionistas com eixos no trabalho, registro, comunicação e solidariedade;

E

U

F

E

L
I
C
I
T
O:

E
U

C
R
I
T
I
C
O:

E
U

S
U
G
I
R
O:

**RELATÓRIO DA OFICINA 2 –
METODOLOGIA**



RELATÓRIO DA OFICINA 2 – METODOLOGIA

Tempo estimado – de 30’ a 40’

Criação e execução: Anne Kellen Cerqueira¹ (AMSK/AL e
Coord. do Dosta/Basta)

Buscar caminhos através da contação de história, requer dedicação e uma adaptação criativa da linguagem e do cotidiano. A forma lúdica de informar, traz a realidade e o respeito as muitas infâncias, inclusive as crescidas.

Material usado: a pasta de leitura (com a bandeira romani), a música romani e o pente de Doja.

1 É ativista romani e defensora dos Direitos Humanos, Lovaritsa e orgulhosamente contadora de histórias; Graduada em Biblioteconomia na Universidade Federal de Alagoas; Capacitação Cuidados para o Desenvolvimento da Criança-CDC; Arteterapia no Centro de Arteterapia de Alagoas; Massoterapia no Instituto Agda Bianco; Curso “Cuidar de Si com Arte” Terapia Expressiva-UFF; Capacitação “O enfrentamento a Violência Infantil-MMSG”; Realidade Brasileira-Extensão UFAL; Produção Cultural- Instituto Boibumbarte; Ministra o curso de Danças Romani/UFAL; Coordenadora do Programa Dosta/Basta – AMSK/Brasil.

Conto: Doja, a fada Romani

De Magda Szécsi, romi húngara, traduzido por Gabi Kopinits, adaptado por Anne Kellen Cerqueira. Retirado da série produzida pelo estúdio húngaro Kecskemetfilm, Cigánymesék (Gypsy tales ou contos ciganos).



Há muito, muito tempo atrás, quando as pessoas ainda acreditavam que as gotas de chuva eram as lágrimas do sol entristecido com as maldades que os homens cometiam aqui na Terra, vivia uma bela fada chamada Doja.

Um dia, Doja decidiu deixar seu palácio nas nuvens e se misturar com seu povo.

Os Rons estavam lavando seus cavalos no córrego quando notaram a figura de uma bela mulher descendo pelo arco-íris.

“É um milagre!”, suspirou Zurkoja. “Quem pode ser?”, perguntou Mutó. “Talvez uma deusa”, disse Csádi.

“Ei, Zukka, Runó, Zoldikó! Venham rápido! gritou Dzsilla.

E todos vieram e formaram um círculo ao redor da bela mulher.

“Que os habitantes dos céus tornem os vossos dias fáceis e que nunca lhes faltem vinho, carne e pão”.

“Eu sei quem você é!”, gritou um.

“- A pele macia de sua mão!”, se maravilhou outro.

“Sim, você deve ser ...”, começou Mutó.

“... a fada dos Roma!”, conclui Csádi.

“Doja! Doja! Doja! “, exclamaram todos, cheios de alegria.

“Vim para ajudar vocês. Vocês terão seu próprio país onde poderão viver em paz. Vocês poderão construir casas de pedra e tijolo, como outras pessoas fizeram. Vamos

aprovar leis, porque as pessoas não podem viver sem leis. Vocês devem trabalhar e a ninguém será permitido acumular riqueza. O pão pertencerá a todos e todos terão uma parte igual “, disse Doja, com o rosto corado de animação.

“Sim, sim! Vai ser como você disse!”, exclamaram todos.

“Então desmontem suas tendas, pois vamos partir em uma longa jornada.”

Eles tinham muito pouco para levar, de modo que logo estavam prontos, esperando para partir em sua viagem.

Doja pegou seu pente mágico e começou a pentear os cabelos, que eram negros e tão longos que tocavam o chão. À medida que ela penteava, os cabelos iam crescendo cada vez mais até formarem um longo tapete de veludo negro.

“Peguem meu cabelo e segurem-se firme! Não tenham medo!” - disse ela.

Então eles se agarraram aos seus belos e fortes cabelos. E de repente eles podiam sentir que estavam subindo no ar e voando, como os pássaros que sempre

invejaram.

E eles viajaram por dias e dias antes de, finalmente, chegarem.

“Olhem sobre vocês! Esta é a Terra dos Romani! Esta água salgada é o Mar do Povo Romá, mas há milhares e milhares de fontes de água doce. Os animais são mansos, e os ramos das árvores pendem para baixo, pesados com frutas suculentas.

“Eu vivi cem anos, mas nunca teria pensado que algum dia teríamos uma terra própria. Ei, Roma, isso é realmente um milagre! “, Disse Zurkoja.

E em sua alegria, Zurkoja caiu na terra perfumada em lágrimas.

Os outros seguiram seu exemplo e também derramaram suas lágrimas no solo.

O que então aconteceu levaria muito tempo para ser recontado, mas depois de muitos anos, o fruto de seu duro trabalho veio, tudo como Doja havia predito.

Fileiras de belas casas caiadas de branco, jardins resplandcentes com flores misteriosas e coloridas, milhares

de cavalos correndo livre nas margens do rio e do mar. Um verdadeiro paraíso de conto de fadas.

Mas em uma manhã uma coisa terrível aconteceu.

A terra se abriu e das rachaduras rastejavam criaturas verdes, escamosas, de pescoço de cobra e cascos vermelhos, fazendo barulhos estridentes e chiados esquisitos.

A terra tremeu sob seus cascos. As fissuras continuavam se abrindo no chão. As casas desmoronaram.

Os Romani estavam mortos de medo.

Doja chorou enquanto observava como o trabalho de muitos anos foi destruído em poucos minutos.

“Quem são essas criaturas, Doja?”, perguntou Dzsilla.

“São monstros de baixo da terra. Disseram que alguém lhes roubou algo “.

“Ontem à noite, meu filho Zoldikó encontrou uma criatura de olhos de diamante e pés vermelhos exatamente como esses monstros. Está em nossa casa “, disse a mulher.

Doja correu para a casa e lá ela viu Zoldikó

brincando calmamente com a estranha criatura.

Ela pegou o pequeno monstro e, segurando-o no colo, correu para fora e soltou-o explicando o ocorrido. A pequena fera saltou para os braços de sua mãe.

“Zübirki-ridikiki! Bukiki-zuki!”, os estranhos animais cantaram, curvando-se com gratidão, e desapareceram, como se nunca tivessem emergido do solo sem pedir perdão.

As feridas na terra gradualmente foram curadas, mas a Roma não estava mais tão satisfeita quanto antes.

“Como era agradável em tempos antigos vagar pela terra, dormir onde quer que estivéssemos quando caía a noite”, disse Dzsilla, dando voz à opinião de todos.

“E vocês estão tão infelizes assim aqui?”, perguntou Doja.

“Perdemos nossas andanças. Temos medo ... “, disseram os Romani. Nos acusaram de roubo e isso é muito ruim.

“O que você pensa, Csádi?”, perguntou Doja ao jovem.

“O que diria o pássaro do paraíso se alguém amarrasse um fio de seda à sua delicada perna e ele não pudesse mais voar?”, foi a resposta dele. “Leve-nos de volta ao lugar de onde viemos”, pediu o rapaz.

“Está bem. Amanhã vou levá-los de volta “, disse a fada, embora não pudesse evitar a tristeza.

Na manhã seguinte, Doja acordou com uma tremenda comoção. Os Romani estavam ocupados empacotando suas coisas. Eles queriam levar tudo e qualquer coisa que pudessem pegar com as suas mãos.

“Pessoal, pessoal! Só podemos levar conosco as coisas que trouxemos, nada mais!”, disse a fada. “Meu cabelo não é forte o suficiente para segurar tudo isso!”

“Mas como eu poderia deixar meus cem cavalos aqui?”, perguntou Mutó.

Doja percebeu que ninguém a estava escutando, por isso não voltou a falar. “Estamos prontos para partir!”, disse Dzsilla.

“Agarrem-se no meu cabelo com uma mão e com a outra segurem as suas bagagens”, recomendou a fada. Eles

voaram por um longo caminho, deixando a Terra da Roma longe, muito atrás deles, mas, além da fada, ninguém mais lamentou perder as misteriosas flores de raros perfumes, os pássaros gentis com suas lindas penas coloridas, o mar, os sussurros da floresta. Eles só queriam sair do lugar onde não podiam deixar os seus filhos livres para brincar.

“Ei, não consigo mais aguentar! Está muito pesado!”, gritou Mutó. “Solte sua carroça!”, Doja gritou.

“Nunca! O que seria de meus cavalos? “, foi a resposta dele.

E eles voavam. Suas mãos ficaram cansadas, agarradas aos cabelos de Doja e ao peso de suas bagagens, e com o tempo elas foram se soltando, esgotadas, e os Romani caíram, um após o outro, espalhados pelo céu.

“O que será deles? O que será deles? “, pensou a fada, com grande tristeza e dor, vendo seu povo caindo.

E de repente ela percebeu que estava voando sozinha, que ninguém mais estava segurando seu cabelo.

“Oh criaturas de Deus! Agora eles terão que vagar até que se encontrem novamente. Não há nada que eu possa

fazer para ajudá-los agora! “, lamentou Doja.

E assim tem sido desde então. O povo Romani anda por aí, sem encontrar a sua terra verdadeira, espalhados por todos os cantos do mundo, em todas as pátrias, mas com a liberdade de não querer conviver com a injustiça.

Opre!

Resultado: o tempo de compreensão e de alegria é imediato. O conto não deixa dúvidas, amplia a imaginação e ao falar sobre isso, sobre o nomadismo e a transnacionalidade dessas infâncias é caminho lógico. Todos os participantes interagiram, dançaram e conversaram sobre o tema.



**RELATÓRIO DA OFICINA 3 –
METODOLOGIA**

RELATÓRIO DA OFICINA 3 – METODOLOGIA

Tempo estimado – de 2hs a 4hs

Criação e execução: Sandra Fabrícia Cândido Teodoro¹

(Urban Nômads, AMSK/SC/SP)

Projeto Piloto baseado na visita a Hodonín - República

Tcheca/2024

1 É feminista romani e defensora dos direitos humanos da Rromá - Membro da RAC South América Roma Advisory Council; Pós-graduada em Educação/UDESC; Bacharel em Engenharia Florestal/UFSM e Graduada em Práticas Integrativas e Complementares/UNINTER; Diretora do Coletivo Urban Nômads. Participa do Grupo de Estudos de Histórias Perdidas e do DOSTA/Basta - Memórias da Rromà Além-mar; Professora especialista em danças étnicas, com foco em danças romaí; Membro Imortal da AILA; Criadora de conteúdo para a Memória do Barô Mudaripen no Brasil; Membro da AMSK/SP e SC.



Le Papucha Kalinka

As Bonecas Kalinka, Resiliência e Identidade Cultural

“Transformando Histórias de Dor em Símbolos de Esperança”

O que é “Le Papucha Kalinka” ou “As Bonecas Kalinka”?

“Le Papucha Kalinka “ ou “As Bonecas Kalinka” é um projeto educacional e comunitário que visa promover a esperança, a resiliência e a identidade cultural entre mulheres e crianças romani através da criação e personalização de bonecas de pano. Inspirado nas histórias de sobrevivência

durante o Barô Mudaripem/Samudaripem ou o Holocausto, o projeto utiliza as bonecas como símbolos poderosos de força e amor.

Projeto e execução: Sandra Cândido/SC
Facilitadora: Urban Nômads e Dosta/Basta

Pesquisa e Criação/projeto piloto:

A jornada da vivência lê Papucha Kalinka começou com uma visita ao acampamento romani de Hodonín (República Tcheca) Lá, uma boneca em exposição foi o gatilho para a pesquisa sobre a vida das crianças e mulheres nesses lugares de desespero e morte durante o Samudaripen. As histórias de resiliência e perseverança dessas mulheres que criavam bonecas de pano para seus filhos, ou para qualquer criança ali, demonstram um amor inabalável e uma tentativa de manter a humanidade em meio ao horror.

Com base nessa pesquisa, a ideia foi transformar a história do Samudaripen em uma experiência lúdica,

acessível e emocionalmente envolvente. A escolha das bonecas de pano se deu pela sua simbologia poderosa: elas representam a inocência perdida, a humanidade que foi atacada e, ao mesmo tempo, a resistência e a memória viva daqueles tempos sombrios.

Vivência lê Papucha Kalinka

Na vivência, os participantes interagiram com fotografias históricas e criaram suas próprias Kalinkas, bonecas de pano, como forma de homenagem, percepção e lembrança. A atividade foi cuidadosamente desenhada para garantir que cada participante pudesse sentir o peso da história, mas também a beleza da resistência cultural e humana.

Impacto nos Participantes

O impacto nos participantes foi profundo e multifacetado. Ao lidar com as fotografias e criar suas

próprias bonecas, muitos foram levados às lágrimas, confrontando o desconhecimento e a gravidade do Samudaripen. As desculpas conscientes ao relatar suas impressões mostraram um despertar para a importância da memória viva. As crianças a partir de 5 anos, participaram ativamente, inclusive questionando as imagens.

Registro da Experiência

Cada participante saiu da vivência com uma compreensão mais profunda do Samudaripen e um respeito renovado pela resiliência do povo cigano. As Kalinkas criadas não são apenas bonecas, mas símbolos de uma promessa de lembrar, aprender e ensinar futuras gerações sobre o valor do respeito e da dignidade humana. A experiência lúdica, sem perder o respeito e o foco na memória viva, conseguiu fazer essa ponte entre passado e presente de maneira eficaz e tocante. Todas ganharam nomes, identidade e expressões próprias:

Pedro – 5 anos, desenhou um coração, veias, pulmões na boneca dele e a pintou inteira de canetinha preta.

Todas foram nomeadas, como fadas, reconhecidas como mulheres fortes, inspiradoras para lembrar guerreiros ... ganharam os formatos dos dedos e das unhas...a Kalinka foi humanizada.

O motivo para a criação.

A criação da vivência lê Papucha Kalinka surgiu de uma profunda necessidade de preservar e transmitir a memória do Samudaripem de uma maneira que tocasse profundamente cada participante. A pesquisa envolveu um mergulho nas histórias e memórias de sobreviventes, bem como na literatura e nos registros históricos sobre o Samudaripem, para garantir que cada detalhe fosse autêntico e respeitoso às experiências vividas.

Optar por uma abordagem lúdica foi intencional; queria quebrar as barreiras do ensino tradicional e

proporcionar uma experiência que fosse tanto educativa quanto emocionalmente envolvente. Falar sobre o Samudaripem de forma lúdica não diminui a gravidade do assunto, mas, sim, facilita o acesso emocional e a compreensão profunda, especialmente para aqueles que podem ter dificuldade em enfrentar tais horrores de forma direta.

Escolher as bonecas de pano como meio de contar essa história tem um simbolismo poderoso. As bonecas representam a inocência perdida, a humanidade que foi brutalmente atacada. Elas são objetos de afeto, facilmente relacionados às experiências de infância, tornando-se ponte entre o passado doloroso e a sensibilização do presente. Cada Kalinka criada pelos participantes carrega consigo não só uma memória, mas também uma promessa de nunca esquecer, de aprender e de educar as futuras gerações sobre a importância do respeito e da dignidade humana.

A lenda das Bonecas “Kalinkas” – Le Papucha Kalinka.

Era uma vez...

Em uma pequena aldeia cigana, havia uma jovem chamada Kalinka, conhecida por sua bondade e habilidade em fazer bonecas de pano. Cada boneca que Kalinka criava era única, feita com amor e cuidado, e carregava um pedaço de sua alma.

A Magia das Bonecas

Kalinka acreditava que suas bonecas tinham o poder de proteger e trazer esperança para quem as possuísse. Ela dizia que, ao costurar cada ponto, estava tecendo sonhos e desejos de um futuro melhor. As crianças da aldeia adoravam suas bonecas, que se tornaram símbolos de conforto e segurança.

Tempos de Adversidade

Quando tempos difíceis chegaram e a aldeia foi ameaçada, Kalinka continuou a fazer suas bonecas, agora com um propósito ainda mais profundo. Ela ensinou as mulheres e crianças a criarem suas próprias bonecas, usando retalhos de tecido e materiais simples. Essas bonecas se tornaram símbolos de resistência e resiliência, lembrando a todos que, mesmo nas circunstâncias mais sombrias, a esperança e a força interior nunca devem ser perdidas.

O Legado de Kalinka

A história de Kalinka e suas bonecas se espalhou por outras aldeias e comunidades ciganas. As bonecas Kalinkas passaram a ser vistas como guardiãs de sonhos e protetoras da alma, cada uma carregando uma história de coragem e esperança. Até hoje, as bonecas Kalinkas são feitas e dadas como presentes para lembrar as pessoas de sua força e resiliência.

As bonecas Kalinkas (bonecas das crianças que viveram o Barô Mudaripem), com suas histórias de esperança, coragem, resiliência e amor, representam muito mais do que simples brinquedos para as mulheres e crianças nos dias de hoje. Elas carregam significados profundos e multifacetados que continuam a ressoar e inspirar.

A falta de memória e de reconhecimento do Barô Mudaripem/Samudaripem o (Holocausto) contém muito da falta de igualdade em direitos civis e sociais tendo um impacto profundo na desigualdade social enfrentada pelo povo romani.

Alerta

A falta de memória do Barô Mudaripem/Samudaripem o (Holocausto) e a falta de igualdade em direitos civis e sociais perpetuam a desigualdade social enfrentada pelo povo Romani. É essencial educar e conscientizar sobre a história e a cultura romaí para combater o preconceito, promover a inclusão e garantir que

as atrocidades do passado nunca mais se repetam.

Alguns pontos:

Algumas razões pelas quais isso ocorre:

Invisibilidade Histórica

Memória Coletiva: A ausência de reconhecimento e memória do genocídio romani durante o Barô Mudaripem/ Samudaripem o (Holocausto) contribui para a invisibilidade histórica dessa comunidade. Sem uma compreensão clara das atrocidades passadas, a sociedade tende a minimizar ou ignorar o sofrimento dos Roma e Sinte.

Educação Deficiente: A falta de inclusão da história do povo romani nos currículos escolares perpetua a ignorância e os estereótipos negativos. Isso impede que as novas gerações compreendam a profundidade das injustiças sofridas pelo povo romani principalmente os Roma e Sinti.

Persistência do Preconceito e Discriminação

Anticiganismo: A ignorância sobre a história do povo romani contribui para a perpetuação do anticiganismo, que é o preconceito e a discriminação contra os romani. Isso se manifesta em várias formas, desde estereótipos negativos até a exclusão social e econômica.

Desigualdade Sistêmica: A falta de reconhecimento histórico e de direitos civis e sociais perpetua a desigualdade sistêmica, dificultando o acesso dos romani a oportunidades de educação, emprego, saúde e moradia.

Impacto na Identidade e Cultura

Perda Cultural: A falta de reconhecimento e valorização da cultura romaí pode levar à erosão da identidade cultural. Sem uma compreensão clara de sua história, as novas gerações podem se sentir desconectadas de suas raízes culturais.

Resiliência Comunitária: O reconhecimento e a

educação sobre a história do povo romani podem fortalecer a resiliência comunitária, ajudando a preservar e celebrar a cultura e a identidade romani.

Prevenção de Atrocidades Futuras

Lições do Passado: Sem uma compreensão completa das atrocidades passadas, a sociedade corre o risco de repetir os mesmos erros. A educação sobre o Barô Mudaripem/Samudaripem o (Holocausto), incluindo a perseguição dos Roma e Sinti, é crucial para prevenir futuras atrocidades e promover uma cultura de paz e respeito.

Vigilância e Ação: A falta de memória histórica pode levar à complacência e à falta de ação contra a intolerância e o ódio. Manter viva a memória do Barô Mudaripem/Samudaripem o (Holocausto) é essencial para garantir que as futuras gerações estejam preparadas para defender os direitos humanos e a dignidade de todos.

Falta de Empatia e Solidariedade

Desumanização: A falta de conhecimento pode levar à desumanização do Povo Romani, tornando mais fácil para a sociedade ignorar ou justificar a discriminação e a violência contra eles.

Solidariedade: A educação sobre a história dos ciganos pode promover empatia e solidariedade, incentivando ações para combater o preconceito e apoiar a inclusão social.

Essas bonecas não tinham um nome específico universalmente reconhecido, mas eram um símbolo de resistência e humanidade em meio às condições desumanas dos campos de concentração. Para muitas crianças, essas bonecas se tornaram companheiras inseparáveis, ajudando-as a lidar com o medo e a solidão.

Elas podiam projetar suas esperanças e sentimentos nas bonecas, o que lhes dava uma sensação de controle e consolo em um ambiente onde tinham muito pouco poder

sobre suas próprias vidas.

Um projeto: Urban Nomads – apoio: AMSK/Brasil,
IRU Solth América. Inspiração: RAC South América Roma
Advisory Council



As vezes, encontrar uma resposta pode fazer toda a diferença.



Pontos importantes da vivência:

- | |
|--|
| 1. As apresentações iniciais foram rápidas e objetivas; |
| 2. A música inicial para apresentação foi curta e emocionante; |
| 3. Leda Oliveira Cruz falou 20 ‘sobre a luta em busca da educação e a trajetória acadêmica; (uma visão geral da experiência de uma pessoa real, com fala direta e simples). Anne Kellen e Elisabete Martinho, ressaltaram a importância dos nomes/memória e história que afetam a tantas pessoas dentro da comunidade. |
| 4. Lemos a Carta das Defensoras de direitos humanos; em 3 vozes: Anne, Elisa e Leda. Ecoando as vozes de todas as mulheres defensoras de direitos humanos; A carta foi traduzida para o Romanês/por Vória Stefanovsky e Elisa Costa. |

5. Michel Kriston e José Ruiter contaram cantando a história do hino romani e de sua bandeira – convidaram as pessoas a entender o contexto em que foi escrito;

As crianças e adolescentes do Rio de Janeiro, Bahia, Rio Grande do Norte, Goiás, São Paulo e Alagoas mandaram seu recado com pequenos vídeos de 2' cada e respondendo a uma pergunta: O que vocês querem para as crianças e adolescentes romani do Brasil. A idade deles? De 2 anos a 16 anos. Foi tão maravilhoso que foi apresentado 2 vezes – a pedido dos participantes.

Todos mencionaram educação;

Houve menção sobre a memória contada em livros e para pesquisa – em especial atenção para as falas de São Paulo e Rio de Janeiro;

Relatos de violência psicológica – estereótipos e suas consequências práticas; São Paulo e Rio de Janeiro;

O direito a convivência familiar; Alagoas.

A importância dos estudos e a formação universitária como meta; Alagoas e Rio Grande do Norte;

Os sonhos e os desafios de cada um – destacando a Bahia.

O direito a escola e ao brincar; Goiás.

As crianças de Brasília/DF, usufruíram in loco dessas dinâmicas e participaram de todas as atividades. Exerceram, portanto, seu direito a fala e expressão, como pessoas de direito.

7. Apresentamos ao longo do encontro as três versões, com olhares das três etnias e dos 5 braços familiares presentes.

8. Ao longo dos dias 19 e 20/10, o Prof. Assis foi rascunhando pontos focais. Assim, na tarde do dia 20/10 apresentou para considerações. Foi discutida e aprovada por unanimidade sob o Título: CARTA ABERTA DA VIVÊNCIA INTERCULTURAL COM REPRESENTANTES DO POVO ROMANI DA ASSOCIAÇÃO MAYLÊ SARA KALÍ E PARCEIROS.

“Espero que as pessoas consigam ter respeito umas com as outras, independente da etnia, que não tenha discriminação nem exclusão social só por conta da etnia”

(Jan Palácio, Rom Lovara, 16 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS



O tempo das coisas – o tempo das pessoas – o tempo das emoções e das descobertas.

Pessoas são tocadas e sensibilizadas o tempo todo e por todos os veículos de comunicação. Alguns a comprar e a vender, a amar ou odiar, a ter filhos e a se apaixonar... a oficina foi um convite proposto a se abandonarem 2 dias ... inclusive a equipe da universidade, desconstruírem e voltar a construir. A abraçar e a trocar presentes, pequenas lembranças, alguns carinhos e muitas verdades. Todos distintos em ideologias, realidades e vida pessoal, todos dispostos a ouvir e ouvirem ... escutaram.

Nos deram espaço para construir ... construímos saberes, plantamos tâmaras e

cumprimos com os nossos lemas:

#DromHumanitary

“kana o drom si lungo, nastis pirás korkorro”

“Que a herança de um povo, nunca seja a miséria, a rromafobia, o anti-ciganismo e a ignorância.”



Contatos:

www.amsk.org.br

<https://amskblog.blogspot.com/>

X - @AMSKBrasil

@amskbrasil.bsky.social

Instagram –@amskbrasil

e-mail: contato@amsk.org.br




Da autora



Elisa Costa

Pós-graduada em Humanização e Cuidados Paliativos. MBA em Saúde Coletiva. Bacharel em Ciências da Saúde Natural. Tecnóloga em Práticas Integrativas e Complementares. Acupunturista e Homeopata pela UFV. Fellow ASHOKA desde 2018. Defensora dos Direitos Humanos, ativista e Feminista Români. Membro da RAC - South América

Roma Advisory Council. Presidenta da AMSK/Brasil e vice presidenta da Union Romani Internacional/IRU South América. Reconhecimento Cameral Bolívia/2018 e Prêmio Excelência e Qualidade Brasil/Profissional do Ano/2024 pela Revista Qualidade Brasil de Líderes, recebe o título de Comendadora. Membro Imortal da AILA – Academia Internacional de Letras e Artes Romani do Brasil/Afiliada ALB. Seus trabalhos mais expressivos são nas áreas da Mulher, direitos das crianças e adolescentes, Saúde, escrita e literatura descolonialista para o combate a romafobia. Coordena o caderno digital Homeopatia para mulheres/ Homeopatas dos pés descalços e a Cozinha dos Vurdóns.



Este ebook apresenta uma vivência intercultural em direitos de crianças e adolescentes do povo Romani, realizada em Brasília/DF, integrada ao Curso de Políticas Públicas da Universidade de Brasília. Com foco na valorização da diversidade cultural e na promoção de direitos, a obra destaca práticas dialógicas, dinâmicas participativas e relatos de experiências voltados à qualificação do atendimento às comunidades tradicionais. O material visa sensibilizar agentes públicos, educadores e profissionais, promovendo uma compreensão inclusiva e respeitosa das especificidades da comunidade Romani e contribuindo para a construção de políticas públicas mais justas e interculturais.

